

**Associação Nacional de História – ANPUH**  
**XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**"Entre sensibilidades e sociabilidades: a história do chorinho em  
Campina Grande (1940-2004)"**

Giovana Batista Tejo<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste ensaio, recupero alguns traços do cotidiano de sociabilidades envolvido na apropriação singular feita pelos intérpretes do gênero musical chorinho em Campina Grande, entre os anos de 1940 e 2004. Assim, busco contar uma História cultural da cidade a partir da visão desses artistas e como toda História deve partir de questões-problema, procuro responder as seguintes perguntas: Como e quando os cidadãos campinenses se apropriaram desse gênero musical? Quais as características do tipo de sociabilidades compartilhadas por esses amantes do chorinho local? Acompanhando a documentação e valendo-me de entrevistas de história oral, procuro apresentar ao público algo da vasta e rica produção musical da maior cidade do interior nordestino.

**Palavras-chave:** Choro - sensibilidades - sociabilidades.

**Abstract:** In this essay I, recognize some peaces of the day a day life and sociability that is revaccinated with the singular appropriation make for the musicians who play the type of music who cools “chorinho” in Campina Grande/ PB. The questions that I make are: How and when the Campina’s citizens has appropriated of this musical gender? How the characteristics of this tip of sociability that they permute? Along the the historical documents and interviews we recuperate the historical characteristics of the biggest city in the North-West of Brazil.

**Key- Word:** Choro - Sensibility - Sociability’s

**1. O cotidiano do choro em Campina Grande. Como e quando os campinenses se apropriaram desse gênero?**

Segundo Luiz Felipe a matéria-prima do choro apareceria no Brasil no início da década de 1850, com a chegada das orquestras estrangeiras, partituras importadas e companhias de teatro portuguesas. Assim, os músicos cariocas ao interpretarem de maneira própria todo este repertório de músicas ligeiras conhecidas como as danças de salão européias tais como: Valsa, Mazurca, Scholtisch e a polca, criaram o gênero choro, por volta de 1870. (LIMA,2001.p:3)

Em Campina Grande o processo de apropriação e reconfiguração do choro, também ocorre de forma semelhante ao parágrafo acima citado. Pois, segundo o historiador Epaminondas Câmara, desde 1864, Campina Grande já apresentava uma cultura heterogênea. Assim, a dança e os brinquedos de prenda passaram a desempenhar um papel relevante nessa cultura. Apesar de ambos serem formas de expressões corporais, a dança na sociedade campinense do século XIX não gozava do mesmo prestígio do brinquedo de prendas (a berlinda, o siriri, o anel, o passo da hora, entre outros). Eram muito comuns as declarações

<sup>1</sup> Especialista em Historiografia e Ensino de História pela UFCG – PB

ocorridas durante esses eventos, nas quais rapazolas demonstravam interesses por determinada dama. (CÂMARA,1999.p:94)

Por outro lado Campina Grande, no final do século XIX já possuía uma diversidade de Cânticos tais como: coco de roda, coco-de-embolada, ciranda, cavalo marinho e banda de pífanos. Porém, o choro só começa a fazer sucesso e ter maior visibilidade na comunidade campinense, na fase áurea da economia algodoeira, momento marcado pelas políticas de modernização dos espaços urbanos da Cidade, época de reconfiguração desses lugares, sobretudo a partir da década de 1920. Assim, o choro era tocado de forma concomitante a outros gêneros musicais formadores da MPB nesse período. Como exemplo poderíamos citar: a valsa tocada em bailes de gala, o tango nos cabarés e cassino tal como El dourado, etc. Tem-se, até hoje, em Campina, o choro como herança de culturas afro-européias que chegaram aqui tocado nas cordas dos cavaquinhos dos forasteiros.

Já o músico Adeildo Pereira do grupo Receita de Choro nos garantiu em seu depoimento que desde o início do século XX, os chorões campinenses sempre seguiram as normas do choro tradicional, sendo que o choro do Sudeste é mais sincopado que o do Nordeste, pois segundo Adeildo, os músicos paraibanos e nordestinos possuem um sotaque mais rastado. Assim, fica compreendido que os cidadãos campinenses se apropriaram do choro do Sudeste dando-o uma nova configuração. Da mesma forma, ocorreu com os músicos do rio de Janeiro no século XIX, quando eles emprestaram o sotaque carioca ao repertório das danças européias e assim, constituíram o choro como uma “maneira brasileira de tocar”.

Portanto, esta “maneira campinense” de tocar as danças de salão européias surgiu, também, em Campina Grande em meados do século XIX, mas só veio a ser legitimada como choro a partir de 1920 com o surgimento das casas de diversão High-life, da pensão Guarany, do Rói Couro e mais tarde, em 1937, com a inauguração do Cassino El Dourado que incentivou um público bastante eclético formado por: dançarinos, músicos seresteiros, boêmios e violeiros que varavam as noitadas da cidade num clima de luxúria e prazer proporcionado pelos bordéis, cassinos e clubes da consagrada Rainha da Borborema.

## **2. O choro campinense: entre a memória e a historia oral das sociabilidades musicais.**

Em relação à lembrança, Ecléa Bossi comenta que “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. É a partir da análise dos fragmentos de memória a seguir que buscaremos compreender as sociabilidades populares e suas representações no

contexto das rodas de choro campinense desde a década de 1940 até 2004 levando em consideração que nem sempre o que está dito corresponde às práticas efetivas dos músicos e boêmios da referida cidade.

Dessa forma todo o texto abaixo descrito a partir da rememoração e depoimento oral dos chorões e boêmios locais, irá nos mostrar o processo de transmissão, de geração a geração, de memórias presentes em relatos orais, os quais têm se constituído numa importante fonte histórica disponível ao historiador na sua tentativa de recuperar e interpretar o passado.

Desde 1940 até o finalzinho dos anos 70 o choro era consumido e representado em suas variadas interfaces como, por exemplo, estava presente nas festas de reisado, aniversário, casamentos, carnavais e até mesmo em ocasiões folclóricas como o bumba-meu-boi, e quanto mais o choro se misturava a outros tipos de festas, como por exemplo, o carnaval, mais variedades de relações sociais ele apresentava. Assim, confere o depoimento do Sr. Barreto, boêmio e colecionador:

*Lembro-me de várias festas do bumba-meu-boi as quais participei, uma delas foi em meados dos anos 30 quando entrei todo satisfeitíssimo na fantasia de boi, juntamente com alguns amigos chorões que munidos de seus instrumentos musicais tocavam suas marchinhas e dançavam em meio aos foliões. (...) Estas festas carnavalescas atravessaram décadas, prolongando-se até o início dos anos 80, promovendo o encantamento dos bairros campinense, elas ainda hoje, estão na lembrança das antigas famílias e dos grandes chorões da velha guarda campinense (...). Lembro-me, ainda, das festas que freqüentei no beco 31, nos bailes e nos clubes como o Campestre, onde os meus amigos chorões estavam sempre presentes e munidos de seus cavaquinhos, violões e flautas, fazendo todos se deliciarem ao som das valsas, boleros, tangos, frevos, forrós e o chorinho que criou e consolidou entre as pessoas vínculos afetivos de amor, amizade, solidariedade e saudades e ao mesmo tempo, fazendo ou desfazendo por inúmeros motivos, muitas relações de namoro e até mesmo de casamento. (Entrevista de José Barreto)*

Na década de 1950, a celebração do chorinho percorria os vários cantos da cidade, sendo tocado nos cabarés, cassino, clubes, bares, teatro, casas de famílias e até mesmo nos freqüentados forrós do centro da cidade e feira central, além da recém nascida Rádio Borborema com os seu famosos programas de auditório.

Então percebemos que o cidadão campinense vem mantendo viva e constantemente renovada a cultura chorística local até os dias atuais. Ficando constatado, que o choro tem vida longa no curso da história de Campina Grande, pois o mesmo sempre demonstra várias interfaces distintas para a mesma expressão musical, ou seja, o choro constitui um gênero próprio, porém sempre mutante e apto a incorporar as influências mais diversas, sobretudo quando o músico Marcelo Meira fala sobre a valorização da criatividade e inovação na composição do choro baião. Vejamos a seguir:

*Vi, neste ano de 2004, a comunidade campinense sendo contemplada com dois grandes eventos chorísticos apresentados no Teatro Municipal Severino Cabral. O*

*primeiro ocorreu no dia 22 de julho, deste ano e teve a participação do nosso grupo musical Choro Novo, pois buscamos ressaltar interpretações e composições inéditas e de criatividade nossa, com isso de forma tímida mostramos o nosso trabalho ainda em fase de conclusão, que constará no primeiro CD do Choro Novo, que será lançado no dia 12 de novembro deste mesmo ano, em Campina Grande no Teatro Municipal Severino Cabral. Em síntese, nos do Choro Novo fazemos um trabalho inovador cujo objetivo é divulgar o gênero e levá-lo ao conhecimento do público jovem. Além disso, utilizamos ritmos regionais para melhor caracterizar o choro paraibano, assim, compusemos o choro baião que busca valorizar a criatividade e a cultura paraibana. Já o segundo evento ligado ao gênero, também, ocorreu neste mesmo ano no Teatro Municipal Severino Cabral. Trata-se do Projeto Pixinguinha nascido em 1977 e suspenso em 1997, tendo seu retorno no dia 14 de setembro de 2004, aos palcos de Campina Grande, onde o conjunto carioca Época de Ouro, cujos integrantes se dividem entre a velha e a nova geração, abrilhantaram com choros belíssimos a noite da cidade. Este Projeto é patrocinado pela Petrobrás e coordenado pela FUNARTE – Fundação Nacional de Arte –, cujo objetivo é oferecer música de boa qualidade a todas as classes sociais, além de destacar artistas consagrados, bem como os novos talentos que surgem a cada ano no nosso cenário musical. (Entrevista com Marcelo Meira)*

Percebemos, até aqui, que as rodas de choro passam a compor um par indissociável com os fenômenos da sensibilidade e sociabilidade em Campina Grande, pois estabelecem redes de influências, inventam lugares de convivência, laços de resistência e amizades, ampliando oportunidades de encontros e de *interações sociais*. Enfim, todos os depoimentos acima descritos, enfatizam, nas rodas de choro, fenômenos sociais como: amizade, alegria, conflitos sociais, saudosismos, amores, solidariedade, gratidão dentre outros sentimentos e valores que se constroem entre as pessoas e praticantes destes saraus. Isso porque, dentre outras razões, esses valores se tratam de relações de sensibilidade e sociabilidade, analisadas, na presente pesquisa, como possibilidade fecunda que tem, a partir de então, o seu lugar de destaque entre as mais diversas pesquisas de cunho historiográfico no campo da História Cultural.

## **Referencias bibliográficas**

### **I - Obras citadas e de referência:**

BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CÂMARA, E. *Os alicerces de Campina Grande: esboço histórico-social do povoado e da vila (1864 a 1967)*. PMCG/SE/Núcleo Cultural Português. Campina Grande: Ed. Caravela, 1999.

GURJÃO, E. Q. *Imagens multifacetadas da história de Campina Grande*. Campina Grande: PMCG/SE, 2000.

DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Editoração eletrônica: Alberto José Ferreira de Lima, 1993.

VICENT-BUFFAULT, Anne. *A amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

*Livro do Município de Campina Grande*. João Pessoa, UNIGRAF – União Artes Gráficas Ltda., 1984.(*Coleção Livros do Município [002/171] – Projeto Gincana*).

## **II - Artigos e Teses de Apoio:**

LIMA, Luiz Felipe de. *O Choro: música em Preto e Branco*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. (Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura).

## **III – Depoimentos:**

Entrevista concedida a autora pelo músico chorão Adeildo Pereira em 22 de maio de 2005.

Entrevista concedida a autora pelo boêmio José Barreto 5 de junho de 2005.